

Comentário Bíblico Exegético de 2 Reis 1-6 (KJA) – Versículo a Versículo

Análise acadêmica aprofundada do texto sagrado, com rigor exegético e reverência teológica

[Iniciar Leitura](#)

[Sobre o Autor](#)



Introdução ao Livro de 2 Reis

O livro de 2 Reis constitui uma das obras mais relevantes do cânon veterotestamentário para a compreensão da história do profetismo e da trajetória espiritual do Reino de Israel. Inserido na tradição deuteronomista, este livro narra a progressiva decadência das monarquias de Israel e Judá, avaliando cada reinado à luz da fidelidade — ou infidelidade — à aliança com Yahweh. A atuação profética, especialmente de Elias e Eliseu, emerge como contraponto divino à apostasia generalizada.

Contexto Histórico e Teológico

O período abrangido pelos capítulos 1 a 6 situa-se entre aproximadamente 853-840 a.C., marcado pela influência fenícia sobre a corte israelita, pela proliferação do culto a Baal e pela tensão política com reinos vizinhos como Moabe e Aram. Teologicamente, o autor deuteronomista apresenta a história como um tribunal divino, onde cada ação dos reis é medida pelo padrão da Torah.

Objetivo deste Comentário

A presente análise exegética oferece um estudo versículo por versículo, fundamentado nos idiomas originais, no contexto histórico-cultural e na teologia bíblica sistemática. Busca-se unir o rigor acadêmico à aplicação espiritual, honrando tanto a erudição quanto a fé.

2 Reis 1:1 — A Rebelião de Moabe

"Depois da morte de Acabe, os moabitas se rebelaram contra Israel." — 2 Reis 1:1 (KJA)

Este versículo inaugural estabelece o cenário geopolítico que dominará os capítulos seguintes. A morte de Acabe (narrada em 1 Reis 22) criou um vácuo de poder que encorajou a rebelião moabita. O termo hebraico **פָּשָׁא** (*pasha*), traduzido como "rebelar-se", carrega a conotação de romper uma aliança ou transgredir um pacto — o mesmo vocabulário utilizado para descrever a rebelião contra Deus.

A **Estela de Mesha** (Pedra Moabita, c. 840 a.C.) confirma arqueologicamente este evento, relatando a perspectiva moabita da libertação do jugo israelita. O rei Mesha afirma que "Onri, rei de Israel, oprimiu Moabe por muitos dias". A convergência entre o registro bíblico e a evidência arqueológica reforça a historicidade desta narrativa e demonstra que a fraqueza espiritual de Israel teve consequências políticas concretas.



📖 **Nota Exegética:** A rebelião de Moabe não é apenas um dado político — é a consequência teológica da infidelidade de Acabe. O autor deuteronomista demonstra que a apostasia enfraquece a nação tanto espiritual quanto militarmente.

2 Reis 1:2 — Acazias Consulta Baal-Zebube

"Acazias caiu pela grade do quarto superior que tinha em Samaria e ficou doente. Então enviou mensageiros, dizendo-lhes: 'Ide e consultai Baal-Zebube, deus de Ecrom, se me recuperarei desta doença.'" — 2 Reis 1:2 (KJA)



Análise do Termo "Baal-Zebube"

O nome **בַּעַל זְבוּב** (*Ba'al Zevuv*) significa literalmente "Senhor das Moscas". Estudiosos como John Gray e Mordechai Cogan argumentam que o nome original da divindade filisteia era provavelmente **Baal-Zebul** ("Senhor Príncipe" ou "Senhor da Morada Elevada"), deliberadamente deformado pelo autor bíblico como recurso de polêmica teológica — uma prática comum no Antigo Testamento para desmistificar divindades pagãs.

A decisão de Acazias de buscar um oráculo em Ecrom revela o grau de corrupção espiritual da casa de Onri. Em vez de consultar o Deus de Israel por meio de um profeta legítimo, o rei recorre a uma divindade filisteia. O contraste é devastador: o monarca de Israel, que deveria ser guardião da aliança, torna-se cliente de um santuário pagão. A "queda pela grade" (*sebakhah*) funciona como metáfora da própria queda espiritual da monarquia israelita.

2 Reis 1:3 — O Anjo do Senhor e a Comissão de Elias

"Mas o anjo do SENHOR disse a Elias, o tisbita: 'Levanta-te, sobe para encontrar os mensageiros do rei de Samaria e dize-lhes: Porventura não há Deus em Israel, para irdes consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom?'" — 2 Reis 1:3 (KJA)

O Anjo do SENHOR (מַלְאָךְ יְהוָה)

A expressão **mal'akh YHWH** aparece de forma recorrente na narrativa de Elias (cf. 1 Rs 19:5-7). Neste contexto, o anjo age como mensageiro divino que comissiona o profeta. Diferentemente das teofanias do Pentateuco, aqui a comunicação é diretiva e urgente: Deus intervém antes que os mensageiros reais alcancem Ecrom.

A Pergunta Retórica Central

"Porventura não há Deus em Israel?" (*ha-mibbelî 'ên-'Elohîm be-Yisra'el*) — Esta pergunta não busca informação, mas confrontação. É a acusação teológica central do capítulo: a idolatria não é apenas um erro religioso, mas uma negação existencial da presença e soberania de Yahweh sobre Seu povo.

Significado Teológico

O papel de Elias como mediador divino é reafirmado: ele é a voz de Deus que intercepta a desobediência real. A soberania de Yahweh sobre os deuses falsos é demonstrada não pela força, mas pela **palavra profética** — o instrumento mais poderoso do arsenal divino.

2 Reis 1:4 – O Decreto Profético de Morte

"Portanto, assim diz o SENHOR: 'Daquela cama em que subiste não descerás, mas certamente morrerás.'" — 2 Reis 1:4 (KJA)

Confrontação Profética e Autoridade Divina

O comando de Elias vai além de uma simples mensagem: é um **decreto judicial divino**. A fórmula "assim diz o SENHOR" (*koh 'amar YHWH*) é a linguagem técnica do mensageiro profético, conferindo à palavra humana o peso da autoridade celestial. Quando Elias fala, é Yahweh quem legisla.

O termo "cair" (*mot tamut* — "certamente morrerás") utiliza a construção enfática do infinitivo absoluto, indicando **irreversibilidade**. Não há apelação possível. A sentença responde diretamente à pergunta de Acazias sobre sua recuperação: a resposta de Baal-Zebube seria mentira; a de Yahweh, verdade inescapável.

A Ironia Narrativa

Acazias caiu fisicamente pela grade e agora é condenado a não se levantar da cama. O autor deuteronomista constrói uma ironia devastadora: aquele que "caiu" da fé em Yahweh agora "cai" literalmente e permanece prostrado — a queda espiritual precede e determina a queda física.



2 Reis 1:5-8 – O Perfil do Profeta Verdadeiro

"Voltaram os mensageiros ao rei, que lhes disse: 'Por que voltastes?' Responderam-lhe: 'Um homem nos veio ao encontro e nos disse... Era um homem vestido de pelo, com um cinto de couro ao redor dos lombos.' Então o rei disse: 'É Elias, o tisbita.'" — 2 Reis 1:5-8 (KJA)



A Descrição de Elias

A expressão **"homem vestido de pelo"** (*ba'al se'ar*) literalmente significa "homem de cabelo/pelo". O manto de pelo tornou-se símbolo do ofício profético (cf. Zc 13:4). O **cinto de couro** (*'ezor 'or*) evoca ascetismo e separação do luxo cortesão. Esta descrição é tão distintiva que Acazias reconhece Elias imediatamente apenas por ela.



O Retorno dos Mensageiros

A interceptação dos enviados do rei demonstra a **soberania divina sobre os caminhos humanos**. Os mensageiros nem chegaram a Ecrom — Deus os deteve no meio do caminho. A pergunta de Acazias ("Por que voltastes?") revela sua surpresa: ele não contava com a intervenção divina, pois já havia descartado Yahweh de seus cálculos.



Contraste Profeta vs. Rei

O texto constrói um **contraste deliberado**: o rei está prostrado em sua cama luxuosa no palácio de Samaria; o profeta está de pé, vestido de pelo, interceptando mensageiros nas estradas. A verdadeira autoridade não reside no trono, mas na palavra de quem fala em nome de Yahweh.

2 Reis 1:9-10 — O Fogo do Céu como Juízo Divino

"Então o rei enviou um capitão de cinquenta com os seus cinquenta homens... Elias respondeu: 'Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma, a ti e aos teus cinquenta.' E desceu fogo do céu e o consumiu com os seus cinquenta." — 2 Reis 1:9-10 (KJA)

A Postura Arrogante do Rei

Acazias responde à palavra profética não com arrependimento, mas com **força militar**. O envio de um destacamento de 51 soldados para capturar Elias demonstra que o rei percebeu o profeta como ameaça política, não como mensageiro divino. A ordem "desce!" (*redah*) dirigida ao profeta é uma tentativa de submeter a autoridade divina ao poder temporal.

O Simbolismo do Fogo

O fogo do céu (*'esh min-hashamayim*) é o sinal teofânico por excelência no ciclo de Elias (cf. 1 Rs 18:38 no Monte Carmelo). Aqui, o fogo não apenas consome — ele **responde**. A frase condicional de Elias ("Se eu sou homem de Deus...") não expressa dúvida, mas convicção: é uma invocação que coloca Deus como juiz entre o profeta e o poder real. A destruição dos 51 soldados não é crueldade; é a demonstração de que atacar o porta-voz de Deus equivale a atacar o próprio Deus.

2 Reis 1:11-12 — A Obstinação Real e a Fidelidade Profética

"Tornou o rei a enviar outro capitão de cinquenta com os seus cinquenta... E respondeu Elias: 'Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma, a ti e aos teus cinquenta.' E o fogo de Deus desceu do céu e o consumiu com os seus cinquenta." — 2 Reis 1:11-12 (KJA)

A Repetição como Recurso Literário

A narrativa bíblica utiliza a **repetição triádica** como recurso retórico central. O envio do segundo contingente revela o endurecimento do coração de Acazias — um paralelo direto com o Faraó do Êxodo. Cada recusa em ouvir a palavra divina aprofunda o juízo. O segundo capitão até aumenta a urgência do comando ("homem de Deus, desce depressa!"), mas a pressa humana não altera o decreto celestial.

A Constância do Profeta

Elias não negocia, não recua, não modera sua mensagem diante da pressão crescente. Sua resposta é **idêntica** à primeira — porque a palavra de Deus não muda conforme as circunstâncias.

Esta constância revela o cerne do profetismo verdadeiro: o profeta não é adaptável ao poder; é o poder que deve adaptar-se à palavra. A fidelidade à mensagem divina, mesmo sob ameaça de morte, é a marca que distingue o profeta autêntico do falso.

📌 **Observação Acadêmica:** O padrão literário de "três tentativas" (a terceira sendo diferente) é uma estrutura narrativa recorrente na literatura bíblica e no Antigo Oriente Próximo, servindo para construir tensão e destacar a resolução final.

2 Reis 1:13-15 — A Humildade que Preserva e a Proteção Divina

"Tornou a enviar terceiro capitão com os seus cinquenta. Este terceiro capitão subiu, pôs-se de joelhos diante de Elias e suplicou-lhe: 'Homem de Deus, seja preciosa aos teus olhos a minha vida...' Então o anjo do SENHOR disse a Elias: 'Desce com ele, não tenhas medo dele.'" — 2 Reis 1:13-15 (KJA)



O Contraste da Terceira Tentativa

O terceiro capitão quebra o padrão ao escolher a **humildade** em vez da arrogância. Sua postura de joelhos e sua súplica reconhecem tanto a autoridade do profeta quanto a realidade do juízo divino. Ele não ordena — *suplica*. Este contraste é teologicamente fundamental: demonstra que a atitude do coração humano diante da palavra de Deus determina o desfecho da relação com o divino.

A Intervenção Protetora do Anjo

A instrução "não tenhas medo dele" revela que a recusa anterior de Elias em descer não era teimosia, mas **prudência guiada por Deus**. O profeta só age quando recebe autorização divina. Este detalhe é crucial para a teologia do profetismo: o verdadeiro profeta não age por impulso próprio, mas pela direção específica do Espírito. A proteção divina aos fiéis é real, mas opera segundo a sabedoria e o tempo de Deus.

2 Reis 2:1-8 — A Jornada Final de Elias e a Lealdade de Eliseu

"Quando o SENHOR estava para arrebatá-lo num redemoinho ao céu, Elias partiu com Eliseu de Gilgal... Elias tomou o seu manto, enrolou-o e feriu as águas, que se dividiram para um e outro lado; e ambos passaram em seco." — 2 Reis 2:1, 8 (KJA)



A narrativa da sucessão profética é construída como uma **peregrinação teológica**. Cada parada é um local carregado de memória salvífica. O manto (*'addereth*) de Elias funciona como o **símbolo visível da unção profética** — ao dividir o Jordão, Elias repete o gesto fundacional de Israel, demonstrando que o mesmo Deus que abriu o Mar Vermelho continua agindo por meio de Seus profetas.

2 Reis 2:9-14 — O Duplo Espírito e a Herança Profética

"Eliseu disse: 'Peço-te que me caiba porção dobrada do teu espírito.' Disse-lhe Elias: 'Coisa difícil pediste... Elias subiu ao céu num redemoinho... Eliseu tomou o manto que Elias deixara cair, feriu as águas e disse: Onde está o SENHOR, Deus de Elias? E as águas se dividiram.'" — 2 Reis 2:9-14 (KJA)



A "Porção Dobrada" (פִּי-שְׁנַיִם)

A expressão *pi-shenayim* não significa "o dobro do poder", mas a **porção do primogênito** na herança (cf. Dt 21:17). Eliseu pede o direito de herdeiro espiritual — a continuidade legítima do ministério de Elias. É um pedido de autoridade, não de quantidade.



O Arrebatamento de Elias

O carro e os cavalos de fogo (*rekhev 'esh vesusê 'esh*) evocam a cavalaria celestial de Yahweh (cf. Sl 68:17). Elias não morre — é tomado diretamente por Deus. Este evento singular na narrativa bíblica prefigura a vitória sobre a morte e se tornará paradigma escatológico (Mt 4:5).



A Divisão do Jordão por Eliseu

Ao repetir o milagre de Elias, Eliseu demonstra publicamente que o espírito profético foi transferido. A pergunta "Onde está o SENHOR, Deus de Elias?" não é dúvida, mas **invocação**. As águas divididas são a confirmação visível da sucessão legítima — diante dos cinquenta filhos dos profetas que observavam.

2 Reis 2:15-25 — Os Primeiros Milagres de Eliseu

Com a transição profética confirmada, Eliseu inicia seu ministério com atos que revelam tanto **restauração** quanto **juízo** — as duas faces inseparáveis da ação divina.

A Busca por Elias (vv. 15-18)

Os filhos dos profetas reconhecem a autoridade de Eliseu, mas insistem em buscar Elias — revelando compreensão incompleta do arrebatamento. Eliseu consente após resistência, e a busca infrutífera confirma a definitiva partida de Elias.

Purificação das Águas de Jericó (vv. 19-22)

O sal lançado na nascente é ato simbólico-profético: o sal preserva e purifica. A expressão "curei estas águas" (*rippê'tî*) usa vocabulário médico — Eliseu age como curador da terra. Este milagre de restauração inaugura seu ministério com graça.

O Juízo dos Rapazes de Betel (vv. 23-25)

O episódio dos 42 rapazes (*ne'arîm qetanîm*) é frequentemente mal interpretado. O termo pode designar jovens de idade militar, e o escárnio "sobe, calvo!" zomba do arrebatamento de Elias. A maldição de Eliseu defende a honra do ofício profético — atacar o profeta é atacar a Deus.

📌 **Nota Hermenêutica:** Os milagres de Eliseu seguem um padrão deliberado: restauração para os humildes e juízo para os escarnecedores. Este dualismo reflete o princípio deuteronomico de bênção e maldição (Dt 28).

2 Reis 3:1-27 — A Campanha contra Moabe e a Palavra Profética

"Jeorão, filho de Acabe, começou a reinar sobre Israel... fez o que era mau aos olhos do SENHOR... E Eliseu disse: 'Tão certo como vive o SENHOR dos Exércitos, em cuja presença estou, se eu não respeitasse a presença de Josafá, rei de Judá, não olharia para ti.'" — 2 Reis 3:1-2, 14 (KJA)

A Aliança Político-Militar

Jeorão de Israel forma uma coalizão com Josafá de Judá e o rei de Edom para reconquistar Moabe. Esta aliança é teologicamente ambígua: Josafá, rei piedoso, novamente se associa à casa de Acabe (cf. 1 Rs 22). A crise hídrica no deserto força os reis a buscar um profeta — mas Eliseu deixa claro que atende apenas por respeito a Josafá, não a Jeorão.

O recurso ao **tangedeiro de harpa** (v. 15) para induzir o estado profético encontra paralelos nas tradições proféticas extáticas do Antigo Oriente Próximo. A música não é magia, mas instrumento de abertura à presença do Espírito.

O Desfecho e o Sacrifício de Mesha

A vitória israelita é seguida por um dos episódios mais enigmáticos do texto: o rei Mesha sacrifica seu filho primogênito sobre o muro (v. 27), provocando "grande ira contra Israel" (*qetsef gadol*). Estudiosos debatem se esta "ira" é divina, humana ou psicológica. O texto permanece deliberadamente ambíguo, mas a lição é clara: a guerra sem plena obediência a Deus produz resultados incompletos. A fidelidade parcial gera vitória parcial.

2 Reis 4:1-7 — O Milagre do Azeite e a Provisão na Escassez

"Uma mulher, das mulheres dos filhos dos profetas, clamou a Eliseu, dizendo: 'Meu marido, teu servo, morreu... e veio o credor para levar os meus dois filhos como escravos.' Eliseu lhe disse: 'Que te hei de fazer? Dize-me o que tens em casa.' Ela respondeu: 'Tua serva não tem nada em casa, senão uma botija de azeite.'" — 2 Reis 4:1-2 (KJA)

Contexto Social e Jurídico

A legislação israelita permitia a escravização por dívida (cf. Lv 25:39; Êx 21:7), mas com limitações. A viúva de um profeta encontra-se na mais extrema vulnerabilidade: sem marido, sem recursos, prestes a perder seus filhos. Este cenário social é teologicamente significativo — Deus se revela como **protetor dos mais fracos** (Sl 68:5).

A Teologia da Pergunta de Eliseu

"O que tens em casa?" — Deus não cria do nada neste milagre; Ele **multiplica o pouco que já existe**. A botija de azeite (*asukh shemen*) representa o último recurso, a última reserva. O princípio é claro: a fé opera a partir do que temos, não do que nos falta. O azeite flui enquanto há vasos disponíveis — a provisão divina é limitada apenas pela capacidade de recepção humana.



Lição de Fé

Deus multiplica o pouco quando há obediência

Lição de Provisão

O limite da bênção é a capacidade de recebê-la

2 Reis 5:1-19 — A Cura de Naamã e a Universalidade da Graça

"Naamã, comandante do exército do rei da Síria, era grande homem diante do seu senhor... porém leproso... Então desceu e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne se tornou como a carne de um menino, e ficou limpo." — 2 Reis 5:1, 14 (KJA)

01

O Testemunho da Escrava Israelita (vv. 2-4)

Uma menina cativa torna-se instrumento da graça divina — demonstrando que Deus usa os humildes para alcançar os poderosos. O evangelho atravessa fronteiras sociais e nacionais.

02

A Resistência de Naamã (vv. 10-12)

O general esperava ritual grandioso, mas recebe instrução simples: banhar-se no Jordão. Sua indignação revela o **orgulho como principal obstáculo à cura**. Os rios de Damasco são mais limpos, mas não são o rio da obediência.

03

A Humildade que Cura (vv. 13-14)

Naamã finalmente se submete. Os sete mergulhos representam completude e obediência total. A cura não está na água, mas na **submissão à palavra profética**. Sua carne restaurada como de "um menino" simboliza novo nascimento espiritual.

04

A Confissão Teológica (vv. 15-19)

"Agora sei que não há Deus em toda a terra, senão em Israel." — Um general pagão faz a confissão monoteísta que o próprio rei de Israel não fez (cap. 1). A transformação espiritual acompanha e transcende o milagre físico.

A narrativa de Naamã é uma das passagens mais universalistas do Antigo Testamento, citada por Jesus em Lucas 4:27 como prova de que a graça de Deus alcança além das fronteiras de Israel. A estrutura quiástica do texto coloca a **humildade** como centro da transformação.

2 Reis 6:1-7 — O Machado que Flutuou

"Os filhos dos profetas disseram a Eliseu: 'O lugar onde habitamos contigo é estreito demais para nós...' Quando um deles estava derrubando um tronco, o ferro do machado caiu na água; e ele exclamou: 'Ai, meu senhor! Era emprestado!' Eliseu... cortou um pedaço de madeira, lançou-o ali, e fez flutuar o ferro." — 2 Reis 6:1-2, 5-6 (KJA)



O Milagre no Cotidiano

Este episódio aparentemente menor revela verdades teológicas profundas. O ferro era **extremamente valioso** no período do Ferro II — perder um machado emprestado representava catástrofe econômica para uma comunidade profética pobre. O clamor "era emprestado!" expressa desespero real diante de uma dívida impagável.

Análise do Milagre

Eliseu lança um pedaço de madeira (*'ets*) na água e o ferro flutua — invertendo as leis naturais. Teologicamente, o Deus que criou a matéria não está sujeito a suas leis. A madeira lançada na água funciona como **ato profético simbólico** (*'ot*): o meio parece inadequado, mas é o veículo da intervenção divina. Este milagre demonstra que Deus se importa com as necessidades práticas e cotidianas dos Seus servos — não apenas com crises nacionais e confrontos cósmicos.

- ❑ **Paralelo Tipológico:** Alguns Pais da Igreja viram neste episódio uma prefiguração da cruz: a madeira lançada na água resgata o que estava perdido — assim como a madeira do Calvário resgataria a humanidade da queda.

2 Reis 6:8-23 — O Exército Celestial e a Visão Espiritual

"Eliseu orou e disse: 'SENHOR, peço-te que lhe abras os olhos para que veja.' O SENHOR abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu." — 2 Reis 6:17 (KJA)

1 A Guerra Secreta (vv. 8-12)

Eliseu repetidamente frustra as estratégias militares do rei da Síria, revelando seus planos secretos ao rei de Israel. O conhecimento profético transcende a inteligência militar humana — o profeta tem acesso ao "conselho divino" (*sod YHWH*). O rei sírio suspeita de espionagem interna, mas seus servos esclarecem: "Eliseu conta ao rei de Israel as palavras que falas no teu quarto de dormir."

2 O Cerco de Dotã (vv. 13-17)

Um exército inteiro é enviado para capturar **um único profeta** — testemunho involuntário do poder da palavra profética. O servo de Eliseu entra em pânico ao ver o cerco, mas Eliseu pronuncia uma das frases mais poderosas da Escritura: **"Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles."** A oração para abrir os olhos do servo revela a realidade espiritual oculta: carros e cavalos de fogo — o exército celeste de Yahweh.

3 A Misericórdia no Triunfo (vv. 18-23)

Em vez de destruir os sírios, Eliseu os cega, conduz até Samaria e, diante do rei, ordena que sejam alimentados e libertados. Este ato de **misericórdia radical** contradiz toda lógica militar e antecipa o mandamento de Jesus de amar os inimigos. O resultado: "As tropas da Síria não tornaram a invadir a terra de Israel." A graça conquistou o que a espada não podia.

Reflexão Teológica Final

A narrativa do exército celestial é a culminação teológica dos seis primeiros capítulos de 2 Reis. Ela responde à pergunta que percorre todo o texto: **quem verdadeiramente governa?** Não são os reis idólatras, nem os exércitos estrangeiros, nem os deuses falsos. É Yahweh, o Senhor dos Exércitos, cercado por cavalaria de fogo, que protege Seus servos fiéis. A visão espiritual — a capacidade de ver além das circunstâncias visíveis — é apresentada como a essência da vida de fé. Aquele que vê com os olhos do Espírito jamais será dominado pelo medo.

Assinatura

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo

Comentário elaborado com rigor acadêmico e profunda reverência ao texto sagrado, para edificação da Igreja e avanço dos estudos bíblicos.